



UM HERÓI DIFERENTE

Foi num dezembro frio e de muita neve. Aliás, neve perfeita para andar de trenó. Por isso, mãe e filha se dirigiram morro acima.

O morro estava cheio de gente. A Sra. Silvermann e a filha de onze anos acharam um espaço perto de um homem alto e magro e de seu filho de 3 anos.

O garoto já estava deitado de barriga para baixo, esperando para ser empurrado.

Vamos lá, papai! Vamos lá!

O homem deu um forte empurrão no trenó e lá se foi o menino. Mas não foi apenas o garoto que voou - o pai saiu correndo atrás dele a toda velocidade.

Ele deve estar com medo que seu filho se choque contra alguém - pensou a jornalista.

E ela mesma com a filha desceu o morro, em grande velocidade, a neve solta voando nos seus rostos.

O retorno até o alto do morro era uma longa caminhada. Enquanto ambas subiam com vagar, puxando o trenó, a sra. Silvermann observou que o homem magro estava empurrando seu filho, que ainda se encontrava no trenó, de volta ao topo.

Isso é que é um paizão - falou a menina. Será que você, mamãe, faria o mesmo por mim?

Nem pensar, foi a resposta. Continue andando.

Quando elas chegaram no topo do morro, o garotinho já estava pronto para brincar novamente e gritava feliz:

Vai, vai, vai, papai!

Outra vez o pai reuniu todas as suas energias para dar um grande empurrão no trenó, correu atrás dele morro abaixo e então puxou o trenó e o menino de volta para cima.

Assim foi por mais de uma hora. A sra. Silvermann estava intrigada. Não era possível que aquele homem achasse que seu filho fosse bater em alguém. Mesmo sendo pequeno, ao menos na subida ele poderia puxar o trenó uma vez.

Mas o homem parecia não se cansar. Ria, jovial e continuava no seu afazer.

Ela então lhe disse: você tem uma tremenda energia, hein?

O homem olhou para ela e sorriu, apontando para o filho.

Ele tem paralisia cerebral, disse de forma natural. Ele não pode andar.

A jornalista entendeu, naquele momento, porque somente então se deu conta que não havia visto o menino descer do trenó durante todo o tempo que estiveram no morro.

Entretanto, tudo parecia tão alegre, tão normal, que a ela não ocorrera, por um minuto sequer, que o menino poderia ser deficiente.

Ainda que não soubesse o nome do homem, ela contou a história em sua coluna no jornal na semana seguinte.

Pouco tempo depois, ela recebeu uma carta que dizia assim:

"Cara Sra. Silverman, a energia que gastei, no morro, naquele dia, não é nada comparada ao que o meu filho faz todos os dias. Para mim, ele é um verdadeiro herói e algum dia espero ser metade do homem que ele já se tornou."

Superar as próprias limitações é um grande desafio. Todos os dias, muitas pessoas lutam para mover pernas imobilizadas, submetendo-se a exaustivas sessões de fisioterapia.

Todos os dias, criaturas portadoras de variadas deficiências se tornam heróis e heroínas anônimas, superando seus limites e vivendo tanto ou mais intensamente do que muitos que apresentam a normalidade física e mental.

São tais seres que nos ensinam com seu exemplo, que a vida vale sempre a pena ser vivida, não importando em que condições, pois o que conta mesmo é o desafio, a conquista, a vitória.

(Equipe de Redação do Momento Espírita, com base no livro Histórias para aquecer o coração de Jack Canfield, Mark Victor Hansen e Heather Mcnamara, volume 1, cap. Andando de trenó.)